

SOCIABILIDADE E (I)MOBILIDADE NO PARQUE UNA – PELOTAS/RS

ADRIANA VIEBRANTZ BRAGA¹; GUILHERMO ANDRÉ ADERALDO²

¹Universidade Federal de Pelotas – *arqui.adrianabraga@gmail.com*

²Universidade Federal de São Paulo – *guiade@ymail.com*

1. INTRODUÇÃO

Os espaços públicos da cidade são locais de encontro, descanso, descontração, entretenimento, passagem e trabalho. Locais onde ocorrem diferentes formas de sociabilidade. É um local de sociabilidade, de interações recíprocas numa rede empírica de relações humanas num dado tempo e espaço, onde a mobilidade básica é a conversação, segundo Simmel (1987). Nas praças ocorrem os vínculos sociais, as trocas de palavras, de objetos, e as relações entre individualidades. Onde o público/privado estabelecem fronteiras sociais, dando sentido ao lugar, conforme argumenta Rogério Leite (2008). Para compreender este cenário, a proposta desta comunicação consiste na busca por investigar um conjunto diverso de tensionamentos implicados nas diferentes formas de uso e representação de uma praça pública da cidade de Pelotas/RS, a saber o Parque Una está localizado próximo ao shopping de Pelotas/RS, conformado por grandes construções de uso misto (residencial e comercial). Possui espaços de convivência e áreas verdes, bem planejados, frequentados por categorias sociais distintas. É um local contemporâneo, criado para absorver um público mais jovem e descolado. A escolha foi realizada em função da praça ter sido construída e mantida pelo poder privado. Apresentando pré-disposição a conflitos que envolvem frequentadores periféricos e frequentadores locais (abrangendo a sociabilidade e diferentes formas de mobilidade).

Neste resumo busco sistematizar alguns aspectos de minha tese de doutorado, em andamento, intitulada provisoriamente como: “Sociabilidade Urbana e (i)mobilidades no Espaço Público Pelotense: Uma etnografia do parque uma”. A supracitada pesquisa se vincula à linha de pesquisa: “Sociedade, Ambiente e Territorialização”, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O trabalho tem sido desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa, utilizando o recurso epistêmico da etnografia urbana em uma cidade de médio porte. A praça investigada é o Parque Una. A investigação busca conhecer e entender a percepção do usuário em relação as demarcações simbólicas, formas de apropriações, territorialidades e as conformações urbanísticas desta praça. E ainda, as relações sociais e de poder que marcam o cotidiano de seus usuários. A pesquisa contribuirá, neste sentido, com um “olhar antropológico” direcionado aos espaços públicos, frequentadores, entorno e locais de ligações (no campo físico e virtual) com esta praça pelotense.

2. METODOLOGIA

A proposta metodológica é a realização de uma etnografia urbana, usando primeiramente o recurso da “observação flutuante” (Pétonnet, 1982) para estudar o referido lugar, a saber, a Praça/Parque Una. O que permitirá olhar, observar, escutar, filtrar informações e captar pontos de referências e convergências, a fim de compreender os fluxos, deslocamentos, identificar o público, a história e o

contexto destas informações. Colette Pétonett (1982) em “Observação Flutuante: exemplo de um cemitério parisiense”, explica o recurso da observação flutuante para coletar dados para a pesquisa, não mobilizando a atenção sobre um objeto preciso para que as informações penetrem sem filtro até surgirem pontos de referências e convergências, e descobrir as “regras subjacentes” (Simões, 2008). Esse tipo de observação permitirá capturar as informações para compreender a história e o contexto em que ocorrem as sociabilidades e as mobilidades. A intenção é que esta observação vire uma observação participante com o tempo.

Serão observados empiricamente os frequentadores, os cenários, os ambientes, os fluxos, os elementos que compõem a praça, e outros aspectos relevantes. A observação será documentada através de um diário de campo contendo relatos do pesquisador, com impressões, sensações, percepções e desenhos/rabiscos que possam ajudar a compreender o contexto dos objetos de estudo. Paralelamente serão identificadas as condições de manutenção destes espaços, soluções paisagísticas, conformações urbanísticas, através de levantamentos fotográficos e cartográficos empíricos. Após a pesquisa exploratória, serão realizados os ajustes dos objetivos da pesquisa, a organização da fundamentação teórica e a definição dos procedimentos metodológicos. Tendo por objetivo, levantar dados e elementos suficientes e dar início a etnografia na praça.

Para atingir os objetivos propostos está sendo estudada uma praça que conforma os espaços da cidade de Pelotas, considerada de médio porte. Esta praça é o Parque Una e está localizado atrás do shopping de Pelotas/RS, sendo formado por grandes construções de uso misto, residencial e comercial. Promete espaços de convivência e áreas verdes, bem planejados, frequentados por categorias sociais distintas. É um local contemporâneo, criado para absorver um público mais jovem e descolado, e seus espaços dinâmicos são pensados para este público. A escolha foi realizada em função da praça ter sido construída e mantida pelo poder privado, num espaço público e apresenta pré-disposição a conflitos que envolvem frequentadores periféricos e frequentadores locais (abrangendo a sociabilidade e diferentes formas de mobilidade).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em sua fase inicial e até o momento as atividades realizadas estão relacionadas aos ajustes do objetivo geral, objetivos específicos e da pergunta central de pesquisa. Também foi dado início a primeira observação flutuante no local (Parque Una), a qual foi realizada no dia 18 de agosto de 2023. Era um dia ensolarado e agradável no que se refere a temperatura e incidência de ventos. Durante a primeira observação, foi possível perceber um silêncio, um vazio no local, poucas pessoas circulando na praça. Havia um grupo familiar conversando num banco, e por ser horário do almoço, se via muitas pessoas dentro de um restaurante local. Porém, ninguém sentado na área externa deste restaurante. Quanto a arquitetura externa do Parque, incluindo as construções dos ambientes da praça e o paisagismo local, percebi imediatamente a carência de árvores, a falta de sombra, a falta de mais vegetação, o que tornava ele quente, o que foi verificado quando permaneci sentada num dos bancos do local. Neste momento comecei a achar o ambiente menos convidativo, fiquei imaginando os dias de verão, cada ano mais quente, como seria?

Muitas pessoas usam a praça para se exercitar, já que ela está delimitada por uma passarela/ pista de caminhadas e corridas (Figura 1), também notei algumas pessoas passeando com seus cães (presos a coleiras). Outra parte que me chamou

a atenção, foi o playground (Figura 2). Aquelas pedras pontudas, rústicas e ásperas me causaram uma sensação de perigo. Como pode um ambiente construído para crianças ter pedras nestes formatos? e ainda, rodeado por um lago? Imediatamente defini como sendo uma forma de “arquitetura hostil”¹.



Figura 1: Parque Una – pista de caminhada (Fonte: Arquivo, 2023).



Figura 2: Parque Una – Playground (Fonte: Arquivo, 2023).

As Figuras 1 e 2, ambas foram fotografadas durante a primeira observação flutuante. Pretendo retornar em dias e horários diferentes para observar outros detalhes associados a sociabilidade e mobilidade, e se possível, conversar com os frequentadores locais, inclusive para saber como enxergam o playground e outros ambientes da praça, já que neste dia não haviam muitas pessoas por lá.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho trará contribuições e interpretações sobre as sociabilidades e mobilidades urbanas, e as relações entre a fronteira do público/privado neste espaço público pelotense. Estas observações e descrições contribuirão para compreender o que ocorre nesta localidade, o perfil do público que frequenta esta praça, e como se apropriam de seus espaços. Ao final será possível cruzar os resultados encontrados e compará-los, para estabelecer pontos de cruzando e

¹ Arquitetura Hostil é uma estratégia de design urbano que utiliza elementos para guiar ou restringir determinados comportamentos, com a finalidade de prevenir crimes, manter a ordem, mercantilizar o espaço ou excluir determinados grupos sociais (Fonte: Wikipédia, 2023).

divergência, e outros aspectos relevantes relacionados a comunicação virtual e sociabilidades, diferentes formas de mobilidade, além de potenciais conflitos existentes nesta praça denominada Parque Una.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEITE, Rogerio Proença. (2008). **Localizando o espaço público**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 83, dezembro 2008: 35-54

PÉTONNET, Colette. **L'observation flottante**: l'exemple d'un cimetière parisien, L'Homme, oct-déc. 1982, XXII, pp.37-47

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: O.G. VELHO (org.), O fenômeno urbano. 4a edição. Rio de Janeiro, Zahar. 1987

SIMÕES, Soraya Silveira. **Observação Flutuante**: uma observação 'desendereçada'. Antropolítica (UFF), v. 25, p. 193-196, 2008.